

**JORNADAS TÉCNICAS  
A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA  
ALIADA À GESTÃO CINEGÉTICA**

**“A NOVA DOENÇA HEMORRÁGICA E OS SEUS  
EFEITOS NAS POPULAÇÕES NATURAIS DE  
COELHO-BRAVO (*ORYCTOLAGUS CUNICULUS*)”**

**LIVRO DE RESUMOS E RECOMENDAÇÕES**

**EDIÇÃO**

Palombar  
Nordeste

**TIRAGEM**

100 exemplares

**COORDENAÇÃO**

José Pereira  
Miguel Nóvoa

**DESIGN**

MAAN Design

**IMPRESSÃO**

Palombar

**COLABORADORES**

Sara Pinto  
SOS Coelho

# **JORNADAS TÉCNICAS A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA ALIADA À GESTÃO CINEGÉTICA**

**“A NOVA DOENÇA HEMORRÁGICA E OS  
SEUS EFEITOS NAS POPULAÇÕES NATU-  
RAIS DE COELHO-BRAVO (ORYCTOLAGUS  
CUNICULUS)”**

**LIVRO DE RESUMOS E RECOMENDAÇÕES**



## “A NOVA DOENÇA HEMORRÁGICA E OS SEUS EFEITOS NAS POPULAÇÕES NATURAIS DE COELHO-BRAVO (ORYCTOLAGUS CUNICULUS)”

por António Cruz Monteiro

O Coelho-bravo, na sua aparente robustez de espécie prolífica e com grande capacidade de adaptação, é o exemplo crasso da fragilidade dos seres vivos e da Biosfera perante a acção do Homem sobre o próprio Planeta Terra. As sucessivas doenças que vêm afectando esta espécie na Península Ibérica, desde há várias décadas, estão directamente relacionados com a forma como temos interagido com a fauna e flora selvagem. Seja deliberadamente ou por negligência, os resultados do uso extremo dado aos recursos naturais por parte do Homem, sentem-se negativamente na dinâmica populacional das espécies silvestres, mesmos aquelas aparentemente mais abundantes, simples e resistentes. O declínio do Coelho-bravo é um reflexo de como negativo e drástico pode ser o nosso efeito nos ecossistemas.

Se a repetida incidência de vírus, potenciados nas cuniculturas industriais, levou muitas das populações silvestres deste lagomorfo a densidades muito reduzidas, a tendência de abandono das práticas agrícolas tradicionais e do cultivo cerealífero, que se vem sentido, contribuiu para agravar a sua situação em grande parte de Portugal e Espanha.

O Coelho-bravo é talvez o mais importante, em termos da conservação da natureza, e ao mesmo tempo ameaçado, herbívoro ibérico. Alguns dos mais raros e vulneráveis predadores, dependem fortemente da sua presença e abundância, caso do Lince, das grandes águias, do Abutre-preto. A sobrevivência dessas espécies depende directamente da sobrevivência do coelho.

Pela sua biologia peculiar, pelas suas capacidades extraordinárias de resistir e proliferar em condições extremas e com forte pressão de predação, esta espécie é a representação viva do carácter bravo das paisagens agro-florestais do nosso país, mas também um símbolo da actividade cinegética sustentável.

Perante este enorme desafio de contribuir para a recuperação de tão importante espécie autóctone, conservacionistas e caçadores devem estar unidos e concertados nas missões de investigação, protecção e gestão. Unir esforços e encontrar soluções práticas e apoiadas na Ciência é talvez o repto mais importante e mais actual para salvarmos o Coelho-bravo.

## ENQUADRAMENTO

A Palombar - Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural, no âmbito do Grupo Nordeste e do trabalho que está a desenvolver na região do Nordeste Transmontano, nomeadamente em acções de conservação da natureza aliadas à gestão cinegética, tem prevista a realização de várias Jornadas Técnicas onde se pretende abordar temas relacionados com a actividade cinegética, tendo como objectivo divulgar boas práticas nesta área, assim como a importância da conservação dos recursos cinegéticos e, inerentemente, da conservação da natureza.

O Nordeste - Grupo para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável - é constituído por associações que têm vindo a desenvolver a sua acção em diferentes domínios no Nordeste Transmontano – a AEPGA, a APFNT e a Palombar -, e que pretendem cooperar no sentido de dar vida a um modelo de intervenção que, unindo a conservação da natureza à agricultura e à gestão florestal sustentável, envolva as comunidades locais, dinamizando o desenvolvimento integrado do espaço rural nos vales dos rios Sabor e Maçãs.

É objectivo da Palombar e do Grupo Nordeste promover o contacto entre a comunidade científica e os agentes locais, entidades públicas e/ou privadas, assim como com toda a comunidade local. As Jornadas Técnicas previstas no âmbito do programa “A Conservação da Natureza Aliada à Gestão Cinegética” têm como finalidade ajudar os agentes locais a resolver problemas actuais inerentes à conservação e gestão de algumas espécies cinegéticas (perdiz-vermelha, coelho-bravo, corço, entre outras), recorrendo a investigadores e profissionais das diferentes áreas de estudo.

Os temas das Jornadas previstas para esta 1ª edição, a realizar no primeiro semestre de 2017, são:

**JORNADAS TÉCNICAS “A NOVA DOENÇA HEMORRÁGICA E OS SEUS EFEITOS NAS POPULAÇÕES NATURAIS DE COELHO-BRAVO (ORYCTOLAGUS CUNICULUS)”**

**JORNADAS TÉCNICAS “CONSERVAÇÃO E GESTÃO CINEGÉTICA DO CORÇO (CAPREOLUS CAPREOLUS): PERSPECTIVAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS”**

As Jornadas Técnicas estão pensadas para serem realizadas com uma duração de um dia e pretende-se, durante o período da manhã, introduzir um conjunto de palestras sobre a ecologia e biologia das espécies, as problemática associadas à sua conservação, assim como as boas práticas de gestão para fomentar a sua dispersão natural, proporcionando um momento de formação, aprendizagem e partilha. Durante a tarde proporciona-se um momento mais prático com uma visita ao campo para debater questões práticas associadas aos temas.

As Jornadas realizam-se em localidades da Rede Natura 2000, aproveitando estes momentos para divulgar a sensibilizar a população em geral para a importância destes Sítios.



## PALOMBAR

### ASSOCIAÇÃO PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DO PATRIMÓNIO RURAL

A Palombar – Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural é uma entidade sem fins lucrativos, criada em 2000, que tem como principais objectivos a conservação dos ecossistemas agrícolas, florestais e selvagens, assim como a preservação do património edificado e respectivas técnicas tradicionais de construção. Ainda que a sua área de intervenção seja cada vez mais alargada, tem vindo a actuar sobretudo em Trás-os-Montes.

Através de uma acção continuada em diversas frentes, a Palombar pretende sobretudo dinamizar territórios rurais, frequentemente em estado de abandono, privilegiando não só a intervenção imediata no terreno, mas também a transmissão do conhecimento que orientou a gestão sustentável da paisagem pelas populações durante séculos.

#### Contactos

Palombar — Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural

Antiga Escola Primária, 5230-232 UVA (Vimioso)

**W:** [www.palombar.pt](http://www.palombar.pt)

**E:** [palombar@palombar.pt](mailto:palombar@palombar.pt) | [palombar@nordeste.eu](mailto:palombar@nordeste.eu)

**T:** 964695511 | 926 862 770

[www.facebook.com/palombar.associacao/](http://www.facebook.com/palombar.associacao/)



## Nordeste

Grupo para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável

## NORDESTE

### GRUPO PARA A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O grupo Nordeste é constituído pelas Associações AEPGA, a APFNT e Palombar cujas atividades abrangem diferentes domínios no Nordeste Transmontano. Estas Associações pretendem cooperar no sentido de dar vida a um modelo de intervenção que, unindo a conservação da natureza à agricultura e à exploração florestal sustentável, promovam o envolvimento das comunidades locais e dinamizem o desenvolvimento integrado do espaço rural nos vales dos rios Sabor e Maças.

#### Contactos

Grupo Nordeste — Grupo para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável

Antiga Escola Primária de Soutelo

5200-410 Soutelo (UFRS)

**W:** [www.nordeste.eu](http://www.nordeste.eu)

**E:** [nordeste@nordeste.eu](mailto:nordeste@nordeste.eu)

**T:** +351 964 695 442

[www.facebook.com/NordesteGrupo/](http://www.facebook.com/NordesteGrupo/)





## CIBIO - INBIO

### CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM BIODIVERSIDADE E RECURSOS GENÉTICOS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A missão do CIBIO é desenvolver pesquisas de classe mundial nas áreas de biodiversidade e biologia evolutiva.

Todos os oradores são investigadores do CIBIO/InBIO, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto

#### **Pedro José Esteves**

Licenciou-se e doutorou-se em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. É líder do grupo de investigação do CIBIO/InBIO “Imunogenética, Micróbios e doenças infecciosas”. Um dos seus principais interesses científicos é o estudo das doenças virais mixomatose e doença hemorrágica viral que afectam as populações naturais de coelhobravo.

#### **Nuno Santos**

Médico veterinário com licenciatura e mestrado pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa. Trabalha em epidemiologia de doenças infecciosas em fauna selvagem, sobretudo em espécies de caça maior e menor e em carnívoros.

#### **Pedro Monterroso**

Licenciou-se em Biologia e doutorou-se em Biodiversidade, genética e Evolução pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Desenvolve investigação em ecologia de populações naturais, em particular de mamíferos carnívoros e coelho-bravo, bem como as relações de predador-presa. Atualmente desenvolve investigação sobre os efeitos populacionais das doenças virais (doença hemorrágica viral) nas populações naturais de coelho-bravo.

#### **Contactos**

CIBIO — Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos  
Universidade do Porto, Campus de Vairão  
Rua Padre Armando Quintas, nº 7  
4485-661 Vairão

**E:** [cibio.up@cibio.up.pt](mailto:cibio.up@cibio.up.pt)

**T:** +351 252660411

**F:** +351 252661780

## SOBRE O COELHO-BRAVO

Apesar da sua ampla distribuição mundial, o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*) é originário da Península Ibérica, onde coexistem actualmente duas subespécies: *Oryctolagus cuniculus algirus* (O. c. *algirus*), presente no Sudoeste da Península Ibérica e *Oryctolagus cuniculus cuniculus* (O. c. *cuniculus*), que ocupa o Nordeste desta região. A distribuição das duas subespécies sobrepõe-se ao longo de uma zona de contacto que atravessa a Península numa direcção Noroeste-Sudeste.

Independentemente da subespécie, o coelho-bravo é uma espécie basilar nos ecossistemas ibéricos, sendo a presa fundamental e preferencial para a maior parte dos predadores que ocorrem em Portugal, incluindo várias espécies de carnívoros (mamíferos e aves) com elevado estatuto de conservação, das quais se destacam o lince-ibérico, o gato-bravo (*Felis silvestris*), a águia-imperial (*Aquila adalberti*) e a águia-real (*Aquila chrysaetos*). É igualmente uma espécie com elevada importância socioeconómica, sendo a espécie de caça menor preferida dos caçadores portugueses, gerando receitas muito significativas para as entidades gestoras de zonas de caça e para a economia local, constituindo, nalguns casos, a sua principal fonte de rendimento.



## Características Morfológicas

A pelagem difere segundo as regiões apresentando-se acinzentada, com tons amarelados e acastanhados na nuca e patas, e com a face anterior esbranquiçada; as orelhas são menores que o comprimento da cabeça e inclinadas para a frente.

O comprimento total (cabeça+corpo+cauda) é aproximadamente 340 a 455 mm, sendo o peso médio de 1 kg.

As patas posteriores são muito desenvolvidas, apresentando pouca altura ao garrote, manifestando a adaptação do esqueleto do coelho-bravo ao salto, sendo a corrida feita em apertados zigzagues.

## Habitat

Em pequena escala, a abundância de coelhos pode ser determinada pelo clima e outros factores, embora numa grande escala os padrões de abundância sejam provavelmente determinados pela variabilidade do habitat, onde a justaposição de solos que possibilitem a construção de tocas com zonas de alimentação, favorece uma elevada densidade populacional a nível local. A espécie tende a ser mais frequente em zonas de orla onde exista interligação entre culturas, prados e áreas de mato, de modo a que as zonas de alimentação e abrigo sejam próximas.

## Alimentação

Existem diferenças consideráveis na dieta alimentar dos coelhos em diferentes locais e estações do ano, embora os coelhos se alimentem principalmente de plantas herbáceas e arbustos, preferindo normalmente as primeiras, apresentando-se o tubo digestivo adaptado a uma alimentação exclusivamente vegetal.

A presença de vegetação herbácea em crescimento, com elevado teor em proteínas, é um factor importante para o início e manutenção da reprodução das fêmeas adultas e para o crescimento dos juvenis.

## Reprodução

O coelho-bravo é uma espécie polígama. Em todas as regiões os coelhos são capazes de se reproduzir no ano do seu nascimento. O período de gestação é de 28 a 30 dias, cada fêmea tem em média 2 a 4 ninhadas por ano, função da duração da época de reprodução, com 2 a 7 lãparos. Após o período principal de reprodução o efectivo populacional pode ter duplicado ou triplicado, e nos melhores casos quadruplicado.

Nas regiões Mediterrânicas os principais factores ambientais que influenciam a reprodução do coelho-bravo são a temperatura, precipitação e qualidade do alimento disponível. O início da reprodução é determinado pela erupção da vegetação anual, usualmente no final do Outono, e a duração da época de reprodução pela extensão do período de crescimento da vegetação.

## Comportamento Social

O coelho-bravo tem uma estrutura social bem definida, ocorrendo interações agressivas durante a época reprodutiva devido à defesa territorial e ao acesso às fêmeas, no caso dos machos, e à competição pelos melhores locais de reprodução, no caso das fêmeas. Se os recursos são escassos, a competição intra-específica tem um papel indirecto na sobrevivência, porque os coelhos dominantes podem impor resistência à entrada de outros coelhos na colónia, de modo que os animais subordinados ficam mais vulneráveis à predação ou são forçados a ocupar habitats menos favoráveis.

## Movimentos

O coelho-bravo é um animal sedentário que vive em colónias, nunca se afastando mais de 300 m das tocas destas. No entanto, poderão existir dois períodos de dispersão: um no final da época de reprodução, durante a qual são sobretudo os jovens machos que se dispersam; um outro no princípio da época de reprodução, no qual os animais se deslocam à procura de uma nova colónia.

# A NOVA VARIANTE DA DOENÇA HEMORRÁGICA VIRAL DO COELHO-BRAVO: VARIABILIDADE GENÉTICA E RESULTADOS SEROLÓGICOS

por Pedro J. Esteves (CIBIO/InBIO)

A Doença Hemorrágica Viral (DHV) é causada por um calicivírus, o vírus da Doença Hemorrágica Viral (VDHV), tendo sido detectada pela primeira vez na Península Ibérica em 1988. Os surtos iniciais da doença causaram elevadas mortalidades nas populações naturais de coelho-bravo em toda a Península Ibérica. Desde então, a doença tornou-se enzoótica, com surtos sazonais. A forma clássica desta doença afecta coelhos adultos (> 2 meses de idade), o que de certa forma permite o recrutamento de novos indivíduos para as populações. Embora tenha sido desenvolvida uma vacina com elevados níveis de protecção contra a DHV, a vacinação de populações selvagens é impraticável, o que limita o combate à propagação da doença no campo.

Todas as estirpes do vírus da DHV isoladas até 2011 pertenciam à forma clássica da doença e eram classificadas em genogrupos (G1-G6). Nas populações naturais de coelho-bravo da Península Ibérica apenas circulavam estirpes do genogrupos G1. No entanto, em Setembro de 2011 em Espanha, e posteriormente em Agosto de 2012 em Portugal, surgiu uma nova variante do vírus, geneticamente distinta das formas clássicas. Esta nova variante, designada por RHDV2 ou RHDVb caracteriza-se por, além de afectar a população adulta, causar também mortalidade em coelhos juvenis (<2 meses) e em coelhos vacinados contra a forma clássica da doença.

A sequenciação das cápsides das estirpes que circulam em Portugal desde 2012 demonstrou o desaparecimento das estirpes G1 das populações de coelho-bravo portuguesas e a sua substituição por estirpes da nova variante. No entanto, a sequenciação do genoma completo das estirpes da nova variante mostrou a circulação de três formas distintas: 1) estirpes não recombinantes (RHDV2); 2) estirpes recombinantes com proteínas não-estruturais de estirpes identificadas como G1 e cápside de nova variante (G1+RHDV2) ou 3) estirpes recombinantes com proteínas não-estruturais de estirpes identificadas como não-patogénicas e cápside de nova variante (NP+RHDV2). Em algumas populações estas três formas da nova variante da DHV podem co-circular. A análise serológica mostrou que as populações naturais de coelho-bravo estão já a produzir anticorpos específicos contra a nova variante.

As evidências recolhidas até ao momento indicam que esta nova variante do vírus da DHV compromete seriamente a sustentabilidade dos ecossistemas Ibéricos e das actividades humanas nelas desenvolvidas. Importa assim aprofundar o conhecimento científico sobre esta nova variante, bem como identificar formas eficazes para atenuar o impacto negativo dos surtos da DHV ao nível das populações de coelho-bravo e dos ecossistemas.

# EPIDEMIOLOGIA DA DOENÇA HEMORRÁGICA VIRAL EM COELHO BRAVO

por Pedro J. Esteves (CIBIO/InBIO)

A Doença Hemorrágica Viral do coelho bravo é causada por um vírus (RHDV) que surgiu em Portugal em 1989, tendo na altura provocado quebras de 25-75% nas populações desta espécie. A partir da primeira década deste século algumas populações de coelho bravo começaram a recuperar do impacto negativo desta doença, no entanto em 2012 surgiu uma nova estirpe do vírus (RHDV2), muito diferente da inicial, que novamente provocou quebras generalizadas nas populações (40-70%). As populações monitorizadas continuam a diminuir, embora a um ritmo menor.

O vírus é transmitido por contacto directo entre coelhos, mas possivelmente também por insectos (moscas e mosquitos). Ao contrário da estirpe inicial, o RHDV2 provoca mortalidade elevada em coelhos novos, com menos de 6 semanas de vida. A época de reprodução do coelho bravo decorre entre outubro e maio, dependendo das condições climáticas e de disponibilidade alimentar, e coincide com a época em que ocorrem surtos de doença, pelo que esta diminui a renovação das populações.

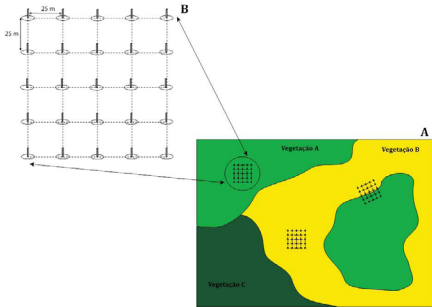
Os coelhos bravos que sobrevivem à doença ficam protegidos (imunizados) para o resto da vida. As crias de coelhas imunes estão protegidas durante as primeiras semanas de vida, tendo maiores hipóteses de sobreviver a uma eventual infecção neste período de tempo. A médio e longo prazo espera-se que o número de coelhos imunizados aumente de forma natural, diminuindo o impacto da doença e permitindo às populações recuperar.

Actualmente não existem formas de combater directamente o vírus em populações selvagens. A única forma de contribuir para a recuperação das populações de coelho bravo é proporcionar-lhes, em cada zona de caça, as condições óptimas de habitat e alimentação, dando-lhes tempo para que a imunidade da população se estabeleça, com um equilíbrio entre o vírus e o hospedeiro que permitirá, a médio e longo prazo, o aumento das populações.

# MONITORIZAR AS POPULAÇÕES DE COELHO-BRAVO

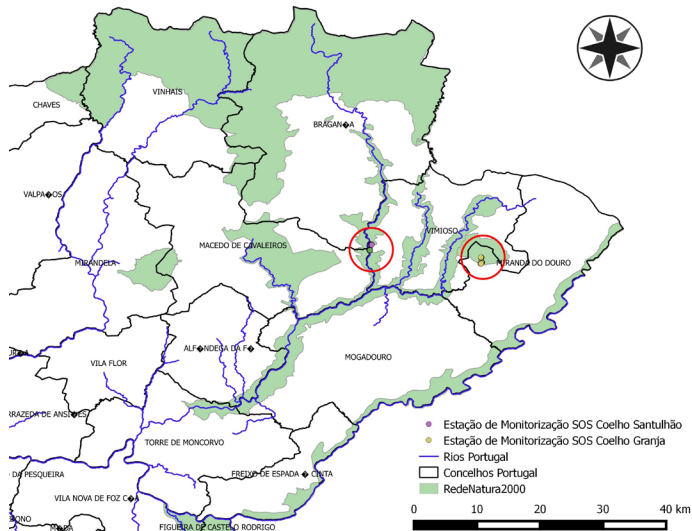
## SANTULHÃO/GRANJA

(resultados de 1 ano de monitorização SOS Coelho, monitorização abundância, monitorização densidade)



- Contagem de excrementos em pontos fixos, espaçados 25m.
- 3 unidades de amostragem em cada área de estudo de 20ha, avaliadas mensalmente.
- Contagens em áreas circulares de 1m<sup>2</sup>

## LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DE AMOSTRAGEM:





Independentemente da motivação do projecto (fins conservacionistas e/ou cinegéticos), uma gestão bem sucedida das populações de coelho-bravo, numa determinada zona (zona de intervenção), tem de assentar numa sequência lógica de etapas, passo por passo, como a que se sugere a seguir:

## 1. MONITORIZAÇÃO

A recolha de dados sistemáticos sobre a abundância e distribuição do coelho na zona de intervenção é fundamental para uma boa planificação da gestão a realizar; sem ela, a aplicação das restantes medidas pode ver-se comprometida pela impossibilidade de uma intervenção atempada.

## 2. PRESSÃO CINEGÉTICA

Se a zona de intervenção incluir uma zona de caça, os primeiros passos devem abranger o ajuste das quotas de abate (ou a instauração de moratórias se for necessário) e a cooperação com investidores, gestores de caça e caçadores.

## 3. GESTÃO DO HABITAT

Independentemente da zona de intervenção estar ou não dentro de uma zona de caça, dever-se-á realizar sempre uma análise da viabilidade/adequabilidade do habitat para o coelho, para perceber até que ponto factores como a disponibilidade de refúgio, água e alimento, podem estar a limitar as populações de coelho-bravo no local e agir em conformidade.

## 4. CRIAÇÃO EM SEMI-CATIVEIRO

As experiências desta natureza realizadas até ao momento têm produzido resultados bastante promissores, constituindo alternativas sustentáveis aos meros repovoamentos e promovendo, assim, o estabelecimento a longo-prazo de populações de coelho viáveis. Existe algum conhecimento científico sobre as especificidades destas infra-estruturas, estando previsto, na maior parte dos casos, que o investimento aplicado nesta medida pode ser amortizado em poucos anos.

## 5. REPOVOAMENTOS

A aplicação desta técnica é redundante se nenhuma das medidas referidas anteriormente tiver sido aplicada. Sem eliminar (ou pelo menos minimizar) os factores que limitam as populações de coelho-bravo na zona de intervenção (normalmente identificados após monitorização), nomeadamente aqueles que estão relacionados com actividades humanas (como a caça), o reforço da população com novos indivíduos será ineficaz e representará, apenas, um sumidouro de recursos. Ainda assim, um repovoamento bem planeado baseado em protocolos de “solta branda”, combinado com uma boa gestão do habitat e monitorização pode ser a chave para recuperar as populações de coelho em algumas zonas e talvez até constituir a única forma de garantir a presença desta espécie a uma grande escala a longo-prazo.

## O CONTROLO DAS DOENÇAS VIRAIS

Actualmente, tanto a Mixomatose como a Doença Hemorrágica Viral (DHV) são consideradas endémicas das populações de coelho-bravo, já que a maioria dos coelhos em estado selvagem apresenta uma elevada seroprevalência de anticorpos contra ambos os vírus. A técnica mais frequente de controlo do impacto destas doenças é a das campanhas de vacinação, que consistem na vacinação parentérica dos indivíduos susceptíveis. Existem vários métodos para o efeito. De realçar que, em Maio de 2011, foi abandonado o projecto de desenvolvimento de uma vacina recombinante contra os vírus da Mixomatose e da DHV (designada ISPANVAC), por não se ter podido confirmar que a transmissibilidade da imunização entre coelhos vacinados e não-vacinados podia dar-se com doses baixas da vacina, a característica que era considerada a sua principal vantagem.

Desta forma, a implementação de uma rede de vigilância sanitária corresponde, provavelmente, à melhor alternativa, de momento, para monitorizar e gerir o impacto e a evolução das doenças virais sobre as populações ibéricas de coelho-bravo.

### **Vacinar é a solução?**

Mesmo que as vacinas comercializadas fossem eficazes, elas não se apresentam como uma solução para o coelho bravo. A despesa de captura, o stress a que os animais ficam sujeitos, a mortalidade resultante do manuseamento, isto é, o custo/benefício não justifica a vacinação. Além de que, as vacinas atualmente comercializadas em Portugal não imunizam o coelho (bravo ou de cativeiro) face à nova estribe da DHV.

### **Recomendação para a recuperação da população:**

- Monitorizar a evolução da população
- Desinfecção das tocas com produtos autorizados
- Instalar zonas de alimentação de pequena dimensão (evitar as grandes concentrações)
- Instalação de uma ampla rede de tocas artificiais que proporcionem refúgio

**ESTABELEECER UM REGIME DE APOIO COM TÉCNICOS ESPECIALIZADOS QUE O ORIENTARÃO NA GESTÃO DA POPULAÇÃO DE COELHO-BRAVO E A OTIMIZAÇÃO DOS INVESTIMENTOS.**

## REDE DE EPIDEMIOVIGILÂNCIA

### PONTOS DE RECOLHA

Caso detecte algum cadáver de coelho-bravo ou de lebre no campo (morte recente), solicitamos que proceda à sua recolha dentro de um saco de plástico, registando o local e a data. Solicitamos ainda que entregue o material num dos pontos de recolha espalhados pelo país (listagem abaixo).

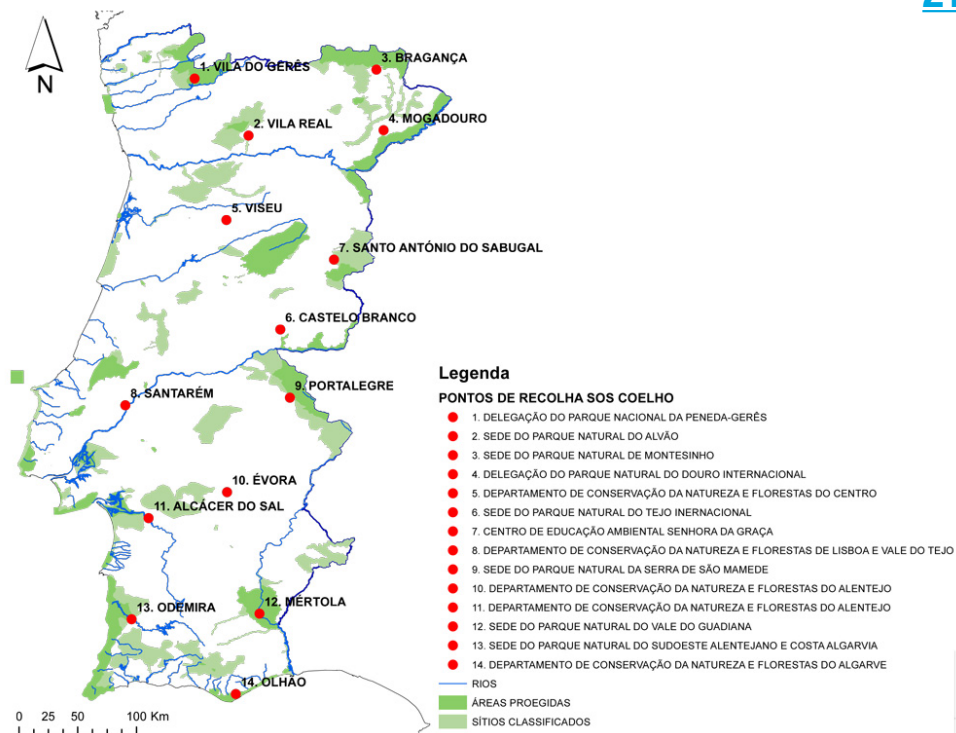
Caso não possa proceder à entrega imediata, solicitamos que proceda à congelação, até que lhe seja oportuno passar num dos pontos de recolha a deixar as amostras por si recolhidas.

Todos os pontos de recolha abaixo indicados possuem uma arca congeladora para preservação das amostras, até à sua recolha pela equipa do SOS COELHO. Os cadáveres são depois encaminhados para o laboratório do CIBIO, onde se procederá a análises e determinação da causa de morte.

A sua colaboração é preciosa para podermos detectar a ocorrência de surtos de doença bem como determinar qual ou quais os tipos de vírus responsáveis pela morte.

### OBRIGADO PELA SUA AJUDA!

**EM ÚLTIMO CASO, A PALOMBAR DISPONIBILIZA-SE PARA SER INTERMEDIÁRIO NA RECOLHA, ARMAZENAMENTO E ENCAMINHAMENTO ATÉ AOS PONTOS DE RECOLHA OU ATÉ À EQUIPA SOS COELHO**



### 3. SEDE DO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO

Parque Florestal

5300-000 BRAGANÇA

(273 329 135)

Contacto: Eng. José Luis Rosa (e-mail: jose.rosa@incf.pt)

### 4. DELEGAÇÃO DO PARQUE NATURAL DO DOURO INTERNACIONAL

Av. do Sabor, 49-1º

5200-204 MOGADOURO

(279 341 596)

Contacto: Dra. Susana Marques (e-mail: susana.marques@incf.pt)

### Palombar – Ass. Conservação da Natureza e Património Rural

Antiga Escola Primária de Uva

5230-232 Uva, VIMIOSO

(926862770)

Contacto: José Pereira (e-mail: josepereira@palombar.pt)

## Organização

---



**Nordeste**  
Grupo para a Promoção  
do Desenvolvimento  
Sustentável



**Palombar**  
Associação de Conservação  
do Matorral e do Património Rural

## Parcerias

---



**InBIO**  
REDE DE INVESTIGAÇÃO  
em Biodiversidade e Biologia Evolutiva



**CIBIO**  
Research Center  
in Biodiversity  
and Genetic Resources



Associação dos  
Caçadores  
Santulhão

## Apoios

---



**ICNF**  
Instituto da Conservação  
da Natureza e das Florestas



**APFNT**  
Associação de Produtores  
Florestais do Nordeste Transmontano



Freguesia  
de  
Santulhão



**Bragança**  
PROTECTORIA



**VIMIOSO**  
PROTECTORIA



